

ÀS CIDADES VISÍVEIS

Por Alberto Nascimento

Até o começo da vida adulta eu acreditava em cidades apenas como um amontoado de prédios e construções. Os desenhos das ruas, por mais interessantes que pudessem parecer, não representavam nada além do crescimento accidental da necessidade de se deslocar de cá para lá. As particularidades de seu povo, suas identidades e valores seriam detalhes de pouca importância, a ser ou não considerados.

Foi uma história em quadrinhos que começou a mudar minha perspectiva acerca da relação entre a dimensão física da cidade e as pessoas que a habitam. No gibi, um operário do metrô londrino se torna progressivamente uma corporificação das ideias da população: praticamente um espírito da cidade.

Encantado com essa possibilidade, andei por muito tempo no metrô de São Paulo procurando pela janela algum rosto oculto que me contasse os segredos e resumisse a personalidade da metrópole onde nasci. Fuçava atentamente pelas sombras com uma esperança quase infantil, mas nunca tive sucesso.

Já havia desistido quando, a quase três mil quilômetros de distância, tive finalmente meu primeiro encontro com a corporificação de uma cidade. Foi em Belém, depois de um dia de trabalho, que uma cidade finalmente resolveu conversar comigo.

Eu nunca havia visto uma extensão de água doce como a Baía do Guajará. Ali, onde o Rio Guamá se encontra com um dos braços do Acará, o azul vai até o horizonte, e um desavisado (como eu era na situação) pode confundir o que tem diante dos olhos com o mar.

Estava sentado no passeio da Estação das Docas, um colosso arquitetônico no coração de uma região que sintetiza muito da cultura paraense. Foi ali, observando o pôr do sol, que conheci dona Maria Izabel.

“É que nem o bolo”, disse a mulher que, sem nenhum motivo aparente, puxou conversa comigo. Eu não conhecia a sobremesa (só dois anos depois que tive a oportunidade de provar a maravilha que é esse bolo recheado de cupuaçu), mas ela me explicou que era um doce típico da região. Percebeu pelo meu sotaque que eu não era dali, e começamos uma conversa longa sobre as diferenças entre nossas capitais.

Conversa, não: colóquio. Maria Izabel falava rápido e sem parar. Em um ritmo tão potente quanto o do rio que dava moldura à cena. Alguns minutos depois chegou seu marido, José Carlos, surgido de lugar nenhum, e alinhou sua voz à da esposa.

Cada um dos dois falava comigo sobre um tema diferente, e eu fazia o melhor para dar atenção aos dois. Consegui fazer pouco além de concordar com os argumentos de ambos e responder pontualmente às perguntas. Então, num devaneio leve ao qual fui empurrado pelo ritmo da conversa, entendi o que acontecia: o encontro dos rios estava corporificado diante de mim e, em duas vozes, me contava sobre Belém.

Depois da conversa, lembrei-me de *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino. A narrativa ilustra Marco Polo contando a Kublai Khan sobre as diversas cidades de seu vasto domínio. Contudo, cada local é definido pela sua “personalidade”, em vez de simples acidentes geográficos.



cos. No norte do país, tive o primeiro vislumbre dessa faceta viva que todo território possui.

Ao longo dos anos seguintes, a cena foi se repetindo em cidades diferentes. Lembro-me de em Recife ser abordado por um homem que queria um cigarro e conversar com ele sobre as particularidades de diversos bairros: foi como se o próprio Chico Science tivesse se manifestado diante de mim para transformar uma estrofe de “Rios, pontes e overdrives” em um papo descontraído, embalado pelo vento da Boa Viagem.

Em Brasília, o tema inicial da conversa foi o clima. Enquanto buscava refúgio da chuva, uma senhora se aproximou comentando sobre quão equivocada era aquela tempestade no meio de julho: “Em Brasília para de chover em março e só volta lá para outubro”. Desse gancho, falamos sobre como a maioria dos brasilienses vêm de outro lugar: uma cidade constituída por migrantes de todo país, uma amostragem singular do que constitui o Brasil como receptáculo de diversas nacionalidades.

Assentou-se, a partir desse dia, a percepção definitiva de que lugar nenhum existe alienado das pessoas que vivem ali. Em cada cidade, em cada conversa, as particularidades de cada território se exibem acidentalmente através de cada frase e opinião dos seus habitantes.

Com os olhos e ouvidos treinados, sempre que estou fora de São Paulo percebo cada vez melhor o espírito das cidades visitadas se manifestando em cada esquina, cada sombra, cada encontro acidental. Seja um motorista de Uber, um garçom de café, um trabalhador em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Víncu-

los... Hoje percebo as pessoas como essência viva que flui pelas ruas, ocupa seus espaços e dá movimento aos desejos particulares de cada região.

Até pouco tempo atrás um erro de percepção me levava a uma leitura equivocada dessa história tão plural: julgava-me apenas observador, e não componente atuante. Foi num retorno à Brasília, durante uma Conferência Nacional de Assistência Social, que finalmente compreendi ter também um papel como parte ativa em uma cidade.

Enquanto enchia minha garrafinha de água, ouvi uma voz familiar dizer atrás de mim: “Rapaz, você está em todo canto”. Olhei e encontrei um conhecido de São Paulo, sempre presente nas formações realizadas lá. Depois de nos divertirmos com a coincidência de nos encontrarmos tão longe, seguimos cada um seu próprio rumo, e fiquei pensando se não seria eu também um acidental porta-voz da minha cidade.

Naquele dia conheci meu país melhor do que em muitas viagens. Na conferência, representantes de todo o país se encontram para debater demandas da Assistência Social em seus territórios. Eu era parte daquilo, representando uma identidade muito maior do que poderia imaginar.

“Eu” é um narrador pequeno. “Nós” estamos em toda parte, agindo, transformando e contando uns para os outros, mesmo sem querer, como é o lugar de onde viemos.

Alberto Nascimento é formado em Jornalismo pela FAPCOM e colaborador do Departamento de Assistência Social da PAULUS.